

DANIEL PELLIZZARI

# Digam a Satã que o recado foi entendido



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2013 by Daniel Pellizzari

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

A coleção Amores expressos foi idealizada por RT/ Features

*Capa*

Retina\_78

*Preparação*

Rita Mattar

*Revisão*

Adriana Cristina Bairrada

Luciane Helena Gomide

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Pellizzari, Daniel

Digam a Satã que o recado foi entendido / Daniel Pellizzari. —  
1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

ISBN 978-85-359-2289-9

1. Ficção brasileira I. Título.

13-05505

CDD-869.93

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

SOBRE A QUESTÃO ESLAVA  
*dois anos atrás*

Maio de 2007  
*Bealtaine 2007*

Aí eu penso no sofrimento da jovem mulher feia na Rússia. Aos dezoito anos, uma garota russa que não seja estonteante deve se sentir um paquiderme. Em partes menos afortunadas do planeta a menina até que poderia ser considerada atraente, mas na Mãe Rússia isso não faz a menor diferença.

Em pouco mais de uma década as coisas se invertem. Por volta do aniversário de trinta anos, obedecendo a uma coreografia genética, quase todas as russas incham de uma hora para a outra. Viram matronas amargas embaladas em vestidos floridos, escondem a cabeça com lenços que parecem feitos com trapo de cortina e dedicam o resto da vida a zanzar de um lado para o outro com sacolas abarrotadas de manteiga, vodka e batatas.

Amargas, suspeito que sempre foram. Jovens russas são uma fruta de casca brilhante que atrai a mordida para só então se mostrar venenosa. É uma estratégia desprovida de qualquer sentido em termos evolutivos, mas estamos falando da Rússia. Não fazer sentido algum é o lema nacional. Aposto nesse absurdo entranhado nos cromossomos como origem das propriedades de

bomba-relógio das mulheres russas. E talvez por isso todas venham acompanhadas por uma trilha sonora orquestral muito dramática, com direito a gongo e estouro de canhões.

Basta olhar para uma jovem russa com um mínimo de atenção para compreender que ela pode explodir a qualquer momento. Pode estar montada em cima do camarada e de repente soluçar, cerrar os punhos e golpear o peito do infeliz, depois o colchão, agarrando os lençóis com força suficiente para rasgar, e depois erguer os olhos para o teto berrando fonemas guturais como se estivesse ajoelhada em frente a um trigal nas cercanias de Volgogrado, encarando os céus e amaldiçoando o destino. E mesmo assim, em meio aos murros, às lágrimas, à baba, aos soluços e à gritaria, continuar tão bela quanto as melhores tragédias. Um investimento de alto risco, as jovens russas.

No fundo imagino que isso valha para todas as escravas, mas me concentro nas russas porque estou rodeado delas. Esta noite, tudo que enxergo à minha volta são russos. Talvez sejam poloneses ou ucranianos, admito. Não sei. Mas são eslavos, disso tenho certeza: as mulheres presentes não me enganam. Escuto o drama e os guinchos da trilha sonora abafando o texas blues de quinta categoria que escapa das caixas de som. Bleu Note. Um nome afrancesado para um pub irlandês dedicado a um estilo musical americano e frequentado por eslavos. Cheguei aqui meio por acaso, caminhando a esmo pelas ruas idênticas do centro de Dublin ao norte do rio Liffey, ruas que mais parecem muralhas intermináveis de tijolos avermelhados.

Chegando na esquina da Capel, abri caminho por entre uma pequena multidão de fumantes, cruzei as portas azuis, desci as escadas e fui parar no meio da Guerra Fria. Pareço ter voltado quase meio século no tempo e invadido por engano o porão do quartel-general da KGB. Todos os homens, invariavelmente corpulentos, vestem roupas sociais e têm a cabeça raspada ou o

cabelo cortado muito rente, acentuando os maxilares angulosos. Alguns usam óculos escuros. Todos bebem com um ar que poderia ser chamado de solene se não fosse rude. E as mulheres, exceto as duas ruivas, são todas loiras.

Descontando os russos, parece um pub como outro qualquer: meio escuro, meio barulhento, meio antigo, meio qualquer coisa. Uma atmosfera de suor alcoólico e perfume. Sento num dos bancos do balcão. Considero a ideia de pedir um *pint* de *lager*, mas acabo me decidindo por uma vodca dupla. Desta vez pode ser necessário me encaixar no ambiente. Minha solidão não chega a durar cinco minutos. Ainda estou no primeiro terço da vodca quando um russo de paletó com ombreiras senta no banco vago ao meu lado. Olhando para cima, estala os dedos da mão esquerda no ritmo do blues pasteurizado e usa a outra mão para segurar um copo. Ao registrar a minha presença, resmunga alguma coisa cheia de consoantes que termina num ditongo interrogativo. Seu rosto é um bloco de concreto sem expressão alguma.

— Desculpa, não entendi — explico. Ele não parece aceitar o que acaba de ouvir e repete o que parecem ser as mesmas frases, agora um pouco mais devagar. — Não entendi — repito, e ele segue me encarando sem nenhuma intenção de fazer amigos. Arrisco um sorriso e pergunto se pareço russo. Ele não diz nada. — Eu pareço russo? — insisto.

— Não — ele responde, e faz uma pausa para analisar minhas feições. — Turco — acaba dizendo, quase num arrotto. — Turco judeu — completa, babando e mostrando dentes irregulares e pontiagudos. Pelo menos não são de aço.

E existem muitos judeus na Turquia?, penso mas não pergunto. Ainda estou ruminando o que responder quando ele se levanta e debruça o corpo maciço sobre o balcão, ficando praticamente deitado. Esticando um dos braços, apanha uma maleta estilo 007 que parece saída diretamente dos anos 1970 e a coloca

sobre a madeira gasta do balcão. Sem dizer nada, volta a me encarar. Uma cicatriz corta seu rosto de uma têmpera a outra, dividindo a testa ao meio.

— Turco judeu — repete, dessa vez num tom mais baixo e sem saliva, e acaricia as trancas da maleta com a ponta dos dedos grossos.

Todo mundo sabe o que significa uma maleta nas mãos de um russo de paletó e cabeça raspada. Acabo de entrar, mas sei que chegou a hora perfeita para bater em retirada. Não chega a ser medo de levar uma surra. É um temor mais profundo, quase religioso. Russos com maletas são praticamente um ícone bizantino, e o recado é claro: armagedon. Como um apocalipse nuclear pode arruinar o dia de qualquer um, deixo algumas moedas sobre o balcão, me levanto e tomo o caminho da rua sem olhar para tr s.

Saio do Bleu Note, atravesso outra vez a muralha de fumantes e dou os primeiros passos na direc o do albergue. Assim que viro a esquina começa a garoar. Os pingos engrossam um quarteirão mais tarde, no mesmo instante em que o n on do Eddie Rockets atrai minha aten o. É um pequeno templo kitsch, imagem plat nica de uma lanchonete americana dos anos 1950. Piso quadriculado branco e preto, bancos forrados de falso couro vermelho com detalhes em branco, mesas de f rmica com mini-jukeboxes individuais, metálicas e brilhantes, e uma equipe de garc etes imigrantes vestidas de adolescentes WASP dos Estados Unidos de meio século atrás. Num canto do cardápio, perdido entre hambúrgueres medíocres e fritas gorduchas acompanhadas de chili sempre meio gelado, se esconde o melhor milk-shake do hemisfério ocidental.

Era disso que eu precisava para obliterar da minha cabeça a imagem de cogumelos at micos. Desde que descobri o milk-shake do Eddie Rockets, me converti. Admito que a sensa o de

tomar esse milk-shake é uma das melhores coisas que já aconteceram comigo. Não é tão sublime quanto tirar a calcinha de uma mulher que você ainda não comeu, mas é sensacional.

Sento em uma das mesas, tiro o casaco úmido, ignoro a mini-jukebox e faço de conta que analiso o cardápio. Continuo pensando nos judeus da Turquia, ainda pouco disposto a me envolver numa discussão íntima sobre qual sabor de milk-shake deveria escolher. Quase sempre peço chocolate simples e não posso dizer que me decepcionei com baunilha, mas o problema é que ainda me restam outras duas opções. Nesse contexto, escolher sabores de milk-shake também é um investimento de alto risco. Qualquer descuido, qualquer ousadia, e a perfeição pode ser arruinada. Mantenho os olhos colados no cardápio e vou remoendo algo que me aconteceu na manhã daquele dia, enquanto eu caminhava ao norte da Parnell Square após tomar meio litro de café aguado numa lojinha de conveniência de esquina.

Apesar do vento frio, o céu estava limpo e as gaivotas se esgoelavam ao longe. Como se fosse uma criança de quatro anos, a garota saltitava à minha frente, usando sapatilhas sem meia. Não podia ter mais de dezessete anos. De início achei que estava brincando, mas logo percebi que ela fazia aquilo com certo desespero, quase rígida de angústia. Com roxos aqui e ali, a pele que se mostrava a partir das sapatilhas era coberta do tornozelo para cima por uma *legging* preta que se escondia sob uma minissaia verde-musgo. Por baixo de uma jaqueta vermelha de algodão com capuz, uma blusa sem mangas com listras pretas e brancas. Sem sutiã, os seios pareciam ainda mais volumosos e sacudiam a cada salto. Cabelos negros compridos e repicados. Mesmo saudável e fornida demais para se encaixar no estereótipo *junkie*, a garota tinha marcas escuras na mão esquerda, entre indicador e polegar. Resmungava baixinho palavras curtas e urgentes enquanto saltava de uma pedra a outra do calçamento. Quando



emparelhamos na esquina, espichei o olho sem virar a cabeça. Tentei enxergar seu rosto. Ela devolveu o olhar num reflexo, infantil e pálida, olhos verdes rodeados por lápis borrado, um nariz quase pontiagudo de tão insolente.

Quando o sinal para pedestres abriu, comecei a atravessar a rua. Após uns cinco ou seis passos, não senti mais presença alguma ao meu lado. Olhei para trás, tentando ser discreto. Ela continuava parada na esquina, diante da faixa de pedestres. Quase congelei no meio da rua. Ainda a escutei dizendo “socorro” com uma voz morna e achatada. Foi um “socorro” muito claro, acompanhado por uns murmúrios que não consegui entender. Continuei mudo e virei à esquerda. Já estava a uns cinquenta metros de distância da garota e só conseguia pensar em voltar, mas temia dar a impressão errada. Não queria parecer maluco ou tarado. Parei em frente à porta dos fundos do hospital, a menos de cem metros. Dei mais uma espiada. Ao ver que ela continuava no mesmo ponto, virei o rosto. Continuei fingindo estar esperando alguém. Quando resolvi dar uma última olhada para em seguida fazer alguma coisa, qualquer coisa, a garota não estava mais lá.

Sem que eu percebesse, ela tinha atravessado. Passou por mim do outro lado da rua, ainda pulando de uma pedra a outra do calçamento. Não parecia seguir lógica alguma nos saltos. Não tentava evitar os limites entre uma pedra e outra, não se esforçava para escolher as mais escuras ou as mais claras, não pulava sempre a mesma distância. Talvez estivesse usando um padrão pouco óbvio. Datas de aniversários, números primos, as casas decimais de pi, qualquer coisa. Talvez nem estivesse percebendo o que fazia. Resolvi que precisava fazer alguma coisa. Travei os dentes, tomei fôlego e atravessei a rua.

Distraído com o esforço de tentar agir naturalmente, não entendi muito bem o que aconteceu. Não vi se a garota entrou numa das casas meio destruídas e cheias de pichações, se embar-

cou num dos ônibus estacionados por ali, se tinha se desvanecido no ar ou escapulado por algum portal mágico. Qualquer que fosse a resposta, ela não estava mais em lugar nenhum. Apertei o passo e virei à direita, mas nada. Tinha mesmo sumido. Fez isso sozinha, com as próprias forças, sem dar sinal algum de suas intenções, sem nem perceber que eu estava prestes a salvar o dia. Fiquei tonto, costurando a rua de uma calçada a outra. Quase fui atropelado por um táxi, que seguiu seu caminho na trilha do grito de “idjooooota!” do motorista. Acabei entrando numa rua-zinha e topando de nariz com o fedor de peixe de uma feira. A tontura piorou, virando enjoo. Entrei num centro comercial, sentei no primeiro banco que encontrei e fiquei imóvel por quase uma hora em frente à vitrine de uma loja de artigos esportivos, tentando me acalmar, tentando me entender, tentando deixar de esperar que a garota reaparecesse.

Uma garçonete de pescoço comprido demais, olhos quase azul-celestes e cabelos com óbvia tinta preta ignora meu interesse fingido pelo cardápio e pergunta o que desejo. Segundo o crachá que decora seu corpo de falsa magra, ela se chama Stefani-ja. É tão bonita que me constrange. Sou o tipo de barbado que se intimida até mesmo com a presença de colegas de treze anos. Para vencer a paralisia, coloco a perfeição em risco e peço um milk-shake de chocolate maltado. Funciona. Aproveito a onda de coragem e pergunto à garçonete se ela é russa. Eslovena, responde, inclinando a cabeça para a direita como um cãozinho confuso.

— Eslovenos são eslavos? — percebo na hora que a pergunta foi idiota. A etimologia parece bem clara. Eslovênia, eslavo, escravo. Pelo que lembro, todas compartilham a mesma origem. Mas por mais que eu olhe para a garçonete, não escuto violino algum. Talvez eu não entenda nada de etimologia.

Stefanija abre um meio sorriso, responde que a Eslovênia

fica perto da Itália e se afasta da mesa. Depois de transmitir meu pedido para a cozinha, olha para a minha mesa por alguns segundos e inclina a cabeça para a esquerda. Muito, muito de leve. Poucos minutos depois, sirvo meu copo e provo o milk-shake de chocolate maltado. Perfeição.

Antes mesmo de pedir a conta já estou resolvido a deixar três euros de gorjeta. Assim que Stefanija estende os dedos longos e cônicos para apanhar o dinheiro, percebo que uma das moedas é polonesa. Magnus, eu digo. Meu nome é Magnus. Magnus, ela repete, se atrapalhando com a sílaba tônica e chiando levemente o último fonema. Não ouço música nenhuma. Talvez só as jovens eslavas loiras sejam trágicas. E as ruivas. Talvez um pouco de tinta resolva qualquer problema. Pergunto se ela sabe que em Dublin existe um porão que esconde um pub secreto, com espaço para apenas cinco ou seis clientes. Ela responde que não bebe.

Desembarquei na Irlanda para passar algumas semanas. Um mês e meio, no máximo. Tenho vinte e sete anos, algumas economias e nenhuma ambição ou perspectiva para o futuro além de talvez partir em seguida para algum outro país, talvez a França, talvez para ficar mais tempo. Graças ao milk-shake perfeito e a um pouco de tinta preta, tudo mudou. Chega de talvez.

Vou ficar.

# IDIOTAS EXTRAORDINÁRIOS

Setembro/Outubro de 2009

*Méan Fómhair/Deireadh Fómhair 2009*



Fica longe daqui, a montanha gelada onde eu vou morrer. Ainda não escolhi. Isso não quer dizer que ela não exista, e muito menos que eu não vá morrer por lá. Aprendi meio cedo que uma coisa não tem nada a ver com a outra. Estou aqui, a cidade está no mapa, estou com vida, a cidade tem montanhas. Existe um caminho entre mim e a cidade, entre meu quarto e a montanha, entre a minha vida aqui e a minha morte lá. Isso não significa que só exista um caminho. Tudo são possibilidades. Uma coisa que dá tontura.

Mas nem por isso vou sair por aí pedindo conselhos, até porque ninguém tem noção de nada. Não é porque eu vou fazer treze anos daqui a dois meses que sei menos coisas que o meu pai, por exemplo. Estou de mal com ele faz mais de um ano. Ele não entende nada. Nadinha. Mas eu também não. É outra coisa que aprendi bem cedo. Ser humano é estar confuso. Não. Ser humano e medíocre é fingir que não existe confusão nenhuma. Que está tudo bem, que tudo é fácil, que qualquer coisa vai dar certo. Mas ser humano, humano mesmo, é admitir que não é bem assim.

Admitir o fingimento e deixar só a confusão. E é bem isso que eu quero. Acho. Não tenho muita vontade nem de começar a fingir. E é por isso que eu vou pra cidade que tem as montanhas.

E vou de carona. Pegar carona é a coisa mais fácil do mundo. Parece ainda mais fácil pra quem sabe que vai morrer, porque aí os riscos não são exatamente riscos. Mas ia ser bem horrível morrer antes do lugar e da hora que combinei. Mesmo que eu só tenha combinado comigo. Imagina. Não que eu já saiba todos os detalhes. Só sei que vai ser na montanha gelada. Vou chegar perto do alto e sentar ao lado de alguma pedra. Se tiver alguma pedra por lá. Deve ter. Aí eu vou ficar olhando pro branco até a morte chegar. Acho que antes vou dormir, porque é isso que acontece quando a gente morre de frio. Depois a neve cobre o corpo todinho e ninguém fica sabendo de nada. Eu sumo e pronto. Quando a gente para e pensa nas possibilidades, nota que é bem fácil desaparecer e nunca mais ninguém encontrar. Mais fácil até que pegar carona.

Eu já tinha pensado nisso tudo muitas vezes, nem lembro como começou. Mas eu só tive certeza, só decidi mesmo que era isso que eu ia fazer, no dia que meu vô morreu. Foi ontem mesmo. Eram umas três da tarde e eu estava jogando *Metroid* quando ouvi umas risadas na sala. Umas risadas que não acabavam nunca. Cada riso escalava o final do outro. Uma coisa sem fim. Era meu vô, dava pra notar. E só tinha a gente em casa, mesmo. Meus pais estavam no trabalho. Minha irmã estava fazendo as coisas que ela vive fazendo e nunca me conta o que é. Mas ela tem os problemas dela. Se eu não soubesse quem é meu pai acho que também ia ficar meio assim que nem ela. Com muitos segredos. Acho. Mas eu sei direitinho quem é meu pai e mesmo assim também tenho os meus problemas. E os meus segredos. Então acho que dá no mesmo. Ou vai ver o problema é a nossa mãe. Ou só existir, mesmo. Existir é um negócio bem opressivo. E as risadas do meu vô

não paravam nunca. Mas podia não ser ele. Às vezes o dia tem essas coisas. Essas surpresas. Tudo são possibilidades.

Meu vô era legal. Pai da minha mãe. Ninguém sabe de onde ele veio, só que tinha catorze anos e chegou na Irlanda de navio, sozinho, numa época em que todo mundo estava indo embora porque faltava tudo por aqui. Agora é que ninguém vai ficar sabendo de onde ele veio, mesmo. Sempre que ficava sozinho ele cantava umas musiquinhas que pareciam meio árabes. Ou judaicas, sei lá. Confundo. Quando ele percebia que eu estava ouvindo, fechava a cara e me xingava de alguma coisa com aquele sotaque que ninguém sabia de onde era. Sempre rindo. Ele tinha cheiro de lustra-móveis, mas cheiros são que nem idades. Não querem dizer nada.

Ele era bem magro e tinha uns cabelos despenteados, mesmo quando penteava. E olha que sempre andava com um pente no bolso. Dá pra entender? Não tinha jeito. Uns dentes bem amarelos. E sempre que eu olhava pras mãos dele pensava em boxe. Por causa do tamanho e dos dedos meio tortos e muito grossos. Meu vô vivia contando umas coisas que ninguém queria ouvir. Quase ninguém. Por causa dele, por exemplo, eu sei que as mulheres incas esmagavam batatas cozidas na cara de todos os homens narigudos que encontravam pela rua. As mesmas batatas que fizeram falta por aqui no século retrasado e aí quase todo mundo morreu de fome ou foi embora. E que uma vez a inquisição espanhola condenou à morte todos os habitantes da Holanda. Todinhos mesmo. E que num dos países da antiga União Soviética, ele não soube ou não quis me dizer qual, existe uma seita que adora um deus com cabeça de galo, um deus que não tem um dos dedos e protege o mundo de um novo dilúvio. E mais um montão de coisas desse tipo.

Uns dois dias antes de morrer ele tinha me contado a história de um filósofo da Grécia. Aqueles caras que viviam dentro de



barris. Esse tinha morrido de tanto rir enquanto olhava um burro comendo figos. Aí quando eu ouvi aquelas risadas lembrei dessa história na hora. Larguei o controle e desci correndo. Mas não tinha burro nenhum na sala, só meu vô e a cadeira de balanço. Ele ainda estava rindo bastante, cobrindo a dentadura com uma das mãos. Com a outra estava segurando uma revista, que estendeu pra mim sem parar de dar risada. Era uma revista esotérica, esses negócios que ele gostava de ler. Uma edição especial. “Arqueologia Fantástica.” Aquela eu já tinha lido, tinha um texto sobre os crânios de cristal. Adoro os crânios de cristal. Ele me entregou a revista aberta bem numa página com a propaganda de um livro sobre o apocalipse. O anúncio dizia que o fim do mundo estava chegando. Sempre dizem isso. É uma possibilidade. Tinha também uma figura bem grandona de Saturno. Assim, o planeta. Não o deus. Na hora eu não entendi muito bem o que uma coisa tinha a ver com a outra.

*Não perca tempo!* Eram umas letras bem grandes, bem pretas. Aí tinha a capa do livro, que quase não dava pra enxergar porque se misturava com os anéis de Saturno, e mais um pouquinho de texto numas letras menores. *O fim está próximo! Peça já!* Um montão de exclamações. Só entendi o motivo de tanta risada quando meu vô apontou umas letrinhas bem pequenas, assim de lado, num dos cantos da página. Até decorei: *Devido ao grande volume de pedidos, rogamos sua paciência em caso de atraso na entrega do livro.* Era mesmo engraçado. Meu vô continuava rindo. Acho bom explicar que ele não ria que nem a maioria das pessoas. Uma vez, acho que eu tinha uns seis ou sete anos, ele me falou que o destino de todo mundo é virar idiota. Algumas pessoas percebem, outras não, mas todas acabam virando idiotas. Aí ele me falou que o importante era lembrar sempre disso e tentar ser um idiota extraordinário. Acho que era por isso que ele ria daquele jeito. Um riso meio assim engasgado, que começava

aos poucos. Um rá-rá que depois virava um rá-rá-rá e aquela coisa ia crescendo cada vez mais e ficando mais e mais e mais e mais alta e descontrolada. Era bem legal.

Larguei a revista no colo do meu vô e fiquei olhando pra ele. Esperando ele finalmente parar de rir, recuperar o fôlego e dizer uma daquelas frases que vivia repetindo, umas coisas que eu nunca entendi direito mas gostava de ouvir assim mesmo. Tipo *Mul-tidões são vírgulas que desistem*. Ou *Sem misericórdia para quem vomita o próprio cabelo*. Essa parecia tradução ruim, ainda mais com o sotaque. Mas ele não parava nunca de rir, e aí fez uns gestos que pareciam mímica. Levei um tempinho pra entender que ele estava pedindo um copo d'água. Quando cheguei na porta da cozinha ele parou de rir. Servi a água e voltei depressa. Enxerguei a revista no chão e meu vô na cadeira de balanço, bem quietinho, de olhos abertos. Parecia que estava encarando a samambaia, mas ninguém encara samambaias. Quando cheguei perto com o copo ele falou uma coisa com uma voz bem baixinha. É como um fósforo se apagando. Bem assim. É como um fósforo se apagando. Aí morreu, levando embora um mundo inteiro. Achei aquilo uma frase meio idiota, mas tudo bem. Não tinha mesmo como ganhar de *Nem os esqueletos são eternos*, minha preferida. Mas ele não disse mais nada. Parou nessa frase do fósforo e ficou ali, encarando a samambaia. Olhei mais uma vez pra Saturno na revista. *Não perca tempo!* Meu vô vendia perucas quando era novo, ele contou uma vez pra mim e pra minha irmã um tempão atrás.

Aí voltei pro quarto e olhei pra imagem congelada na televisão. Samus Aran em formato de bola. Não encontrei meu celular. Não consegui lembrar o número da minha mãe. Nem pensei em ligar pro meu pai. Desliguei o Wii, fiquei olhando pra tela preta da televisão e fui bebendo a água que tinha levado pro meu vô. Bem devagarinho. Engolindo como se aquilo fosse outra coisa.